

CONTRIBUIÇÕES ACERCA DO TEMA CLASSES SUBALTERNAS EM GRAMSCI

Salyanna de Souza Silva
Doutorado em Serviço Social – Università degli Studi Roma Tre (Itália)
Bolsa de Estudos – Doutorado Pleno no Exterior – CAPES

Resumo: O presente artigo busca apresentar reflexões sobre o conceito “classes subalternas” em Antônio Gramsci, bem como sua relação com a categoria hegemonia, Estado e classes dominantes. Trata-se assim de um estudo bibliográfico, subdividido em duas partes: a primeira apresenta alguns elementos da vida do marxista italiano, incluindo (e sobre) o Partido Comunista Italiano (PCI); enquanto a segunda faz uma aproximação teórica sobre “classes subalternas”.

Palavras-chave: Classes Subalternas. Hegemonia. Estado.

Riassunto: Questo articolo si propone di presentare alcuni riflessioni sul concetto “classi subalterne” in Antonio Gramsci, così come il suo rapporto con la categoria egemonia, Stato e classi dirigenti. Si riferisce dunque ad uno studio bibliografico, diviso in due parti: la prima presenta alcuni elementi della vita del marxista italiano e anche sul Partito Comunista Italiano (PCI); mentre la seconda cerca di avvicinarsi teoricamente del concetto “classi subalterne”.

Parole chiavi: Classi Subalterne. Egemonia. Stato.

Introdução

No âmbito dos estudos marxistas e marxianos, o italiano Antônio Gramsci (1891 – 1937) se apresenta como um dos autores mais pesquisados em todo o mundo, foi considerado por Eric J. Hobsbawm como o teórico mais original do marxismo ocidental. Suas contribuições são relacionadas a estudos e análises originais e inovadoras, assim como pela sua postura política sendo um dos fundadores do Partido Comunista Italiano (PCI).

No presente artigo gostaríamos de trazer algumas reflexões sobre o tema “classes subalternas”, apresentado e analisado pelo intelectual sardo não somente no Caderno 25 da sua obra mais conhecida “Cadernos do Cárcere”, mas também nos escritos pré-carcerários.

Inicialmente, consideramos importante realizarmos uma breve apresentação sobre a vida de Antônio Gramsci, dando ênfase a sua atuação política no PCI. Posteriormente, apresentamos o estudo sobre a categoria “classes subalternas”, essa entendida como uma relação dialética entre Estado e classes sociais (dominante/subalternas).

No sentido de seguir os preceitos da radicalidade em Marx, ou seja, de “ir a raiz”, grande parte do estudo bibliográfico em questão foi elaborado a partir de obras na língua original do próprio autor.

Antônio Gramsci: elementos de vida e de luta

A tradição marxista, com a qual compartilhamos, nos traz a necessidade de sempre tomar o real como ponto de partida para análise. Nesse sentido, Marx e Engels (1998) buscam compreender a formação da consciência do ser humano a partir da vida histórica.

São os homens que produzem suas representações, suas ideias, [...],mas os homens reais, atuantes, tais como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações que a elas correspondem, inclusive as mais amplas formas que estas podem tomar (MARX, ENGELS, 1998, p.19).

A partir de tal pressuposto, buscaremos apresentar alguns aspectos da vida histórica e política do referido autor. É importante ponderar como afirma o presidente da *International Gramsci Society* (IGS) Guido Liguori, que a obra é “complexa, labiríntica e aperta”, ou seja, sobre a vida de Gramsci existem diversas interpretações e polêmicas.

Em linhas gerais, Liguori destaca duas diferentes leituras: uma primeira relacionada a visão “comunista”, “togliattiana, antitogliattiana ou post-togniattiana”,¹ na qual Gramsci é considerado um “comunista crítico”, um “ponto de partida de uma original possibilidade de ser comunista depois da crise do ‘socialismo real’”².

A segunda leitura, pelo contrário, é relacionada a interpretações que entendem Gramsci como um autor liberal-democrata ou liberal-socialista. Ao considerá-lo liberal e libertário, enfatiza sua dimensão intelectual em detrimento àquela política.

¹Come será observado no decorrer do presente artigo, Palmiro Togliatti foi um importante representante do Partito Comunista Italiano. Além de secretário geral e representante do partido junto ao Partido Comunista Russo, Togliatti exerce também um papel central para a esquerda comunista italiana durante as eleições políticas e o processo de promulgação da Constituição de 1948.

²“punto di partenza di una originale possibilità di essere comunisti dopo la crisi del ‘socialismo real’” (LIGUORI, 2012, p. 17, tradução nossa).

Nesse sentido, entendemos necessário o estudo de alguns elementos históricos ligados a realidade do contexto italiano, assim como aos acontecimentos a nível europeu e internacional.

Nascido no ano de 1891 em Ales, pequena cidade da região da Sardenha, Antônio Gramsci era o quarto dos sete filhos de uma família pobre do Sul da Itália. Na sua juventude, graças a uma bolsa de estudos, foi estudar literatura na Universidade de Turim (cidade capital da Região do Piemonte, no Norte do país).

Naquele período, tal cidade se caracterizava por ser um importante centro de desenvolvimento industrial de todo o país, com fábricas automotivas da FIAT e Lancia. Era assim um lugar que aglutinava italianos de várias regiões. Concomitante à industrialização há o fortalecimento dos sindicatos. Vale destacar que esses representaram para Gramsci uma importante escola de formação política e sindical-organizativa. Posteriormente ele se filia ao então Partido Socialista Italiano.

Como jornalista e escritor, o intelectual sardo publica artigos no jornal oficial do Partido Socialista – *Avanti*. Posteriormente, contribui com artigos ao jornal semanal *L'Ordine Nuovo*, Gramsci junto com Palmiro Togliatti, Angelo Tasca e Umberto Terracini, constituem:

Um grupo que defende o movimento dos conselhos de fábrica que – em particular por mérito de Gramsci – elaboraram uma plataforma política na qual os conselhos operários, instrumentos de autogestão inspirados nos *soviets* da Revolução russa, deveriam constituíam a base da revolução do proletariado.” (VITTORIA, 2006, p. 13, tradução nossa).³

A partir de divergências internas, houve a formação de frações políticas no interior do PSI, nascendo, durante o XVII Congresso do referido partido, na cidade de Livorno, o Partido Comunista Italiano (PCI), em 21 de janeiro de 1921, no qual Gramsci fez parte do Comitê Central.

3(...) un gruppo che sostiene il movimento dei consigli di fabbrica e che – in particolare per merito di Gramsci – elaborò una piattaforma politica in cui i consigli operai, strumenti di autogestione ispirati ai soviet della Rivoluzione russa, dovevano costituire la base della rivoluzione del proletariato. (Vittoria, 2006, p.13, tradução nossa).

É importante observar que naquele momento histórico pós Primeira Guerra Mundial, emergiam tanto a nível europeu, quanto nacional, diversas forças políticas contraditórias, que iam da constituição do bloco socialista a extrema direita. Dessa forma, a Europa vivenciava a primeira experiência real de um bloco socialista, com a fundação em dezembro de 1922, da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Em um estudo sobre o surgimento do PCI, a historiadora Albertina Vittoria destaca importantes elementos, a saber:

Determinante foi naturalmente a Revolução bolchevique, que vinha aos olhos de muitíssimos militantes como a demonstração concreta do fato que o proletariado poderia alcançar o objetivo da conquista ao poder teorizado por Marx. Assim como determinante foram as indicações de Lenin e de um novo organismo internacional nascido em março de 1919 (III Internacional ou Internacional comunista-*Comintern*, à qual aderiram 64 partidos de extrema esquerda de 50 países) sobre a inevitável revolução, para a qual era necessário subordinar cada projeto político: ao II congresso da III Internacional (..), eram assim ditadas as condições para adesão a tal organismo, consistindo, em síntese, na solicitação dos partidos socialistas de si auto denominarem comunistas e romper com o reformismo. (VITTORIA, 2006, p. 12, tradução nossa).⁴

Concomitantemente, no contexto italiano, os anos de 1919 e 1920 foram denominados como “*biennio rosso*” (dois anos vermelhos), por serem anos fortemente marcados por manifestações e greves dos trabalhadores, que culminou nas ocupações de quase todas as fábricas do Norte do país em setembro de 1920, “na ocasião teve então vida a experiência dos conselhos operários de autogestão” (VITTORIA, 2006, p.13, tradução nossa). De outro lado, em 1922 ascende ao poder Benito Mussolini, líder do Partido Nacional Fascista, dando início a ditadura fascista e consequente aliança à Alemanha Nazista.

No referido ano, representando o PCI, Gramsci foi à Rússia, na ocasião conheceu sua esposa, Giulia Schucht, com a qual teve dois filhos. Em 1924 o comunista sardo foi eleito deputado pela região do Veneto, organizou e fundou o jornal *L’Unità*, com o subtítulo: “Quotidiano dos operários e dos camponeses”. Em uma carta dedicada ao referido jornal,

⁴Determinante fu naturalmente la Rivoluzione bolscevica, che diveniva agli occhi di moltissimi militanti la dimostrazione concreta del fatto che il proletariato poteva raggiungere l’obbiettivo della conquista del potere teorizzato da Marx. Così come determinanti furono le indicazioni date da Lenin e dal nuovo organismo internazionale nato del marzo 1919 (III Internazionale o Internazionale comunista-Comintern alla quale aderirono 64 paesi di estrema sinistra di 50 paesi) sulla inevitabilità della rivoluzione, alla quale occorreva subordinare ogni progetto politico: al II congresso della III Internazionale (...) venivano quindi dettate le venute condizioni per l’adesione a questo organismo, consistenti, in sintesi, nella richiesta ai partiti socialisti di denominarsi comunisti e di rompere con il riformismo. (Vittoria, 2006, p. 12, tradução nossa).

Gramsci ressaltava a necessidade de dar uma importância especial à questão meridional, por considerar não somente a questão entre os operários e camponeses, um problema de relação de classes, mas também como um problema territorial.

Em 1926 Mussolini aprova uma lei que proíbe qualquer tipo de organização partidária e consequentes publicações e divulgações de jornais de oposição. Muitas pessoas políticas foram obrigadas a pedir asilo em outros países, outros morreram devido à violência e agressões sofridas.

Nesse contexto, como constante crítico do fascismo, Gramsci foi condenado à prisão em 1926, inicialmente na cidade de Roma, posteriormente na ilha de Ústica. Um ano depois foi condenado a vinte anos de prisão na cidade Turi (região da Apúlia). Com sua saúde cada vez mais fragilizada, Gramsci recebe liberdade condicional e morre aos 46 anos em Roma.

Além de suas contribuições para com a organização do PCI, Gramsci traz uma forte postura de crítica e coerência ético-política. Mesmo sendo um dos fundadores do partido de esquerda, reconhecendo a importância da experiência socialista na Rússia e a necessidade de unidade partidária socialista, Gramsci, a partir da análise da realidade italiana, que no momento apresentava um governo fascista, expôs suas próprias convicções, muitas vezes contrárias às orientações da Internacional Comunista.

Destarte, Gramsci começou a defender a necessidade de um período de transição antes de uma revolução socialista na Itália, por consequência, ele indicava como palavra de ordem na luta contra o fascismo uma constituinte.

Própria essa sua posição, que representava um dissenso preciso com a política adotada pelo Partido, o levou a viver os anos no cárcere – já marcados por um crescente agravamento de suas condições de saúde – em uma situação dramática e penosa de isolamento, com uma sensação sempre maior de ter sido abandonado pelos próprios companheiros (VITTORIA, 2006, p. 27, tradução nossa).⁵

Em tal difícil contexto, dois anos depois após a sua prisão, Gramsci começa a se dedicar à leitura e escritura de cartas contendo reflexões políticas e teóricas sobre diversos

⁵“Proprio questa sua posizione, che implicava un dissenso netto con la politica adottata dal proprio partito, lo portò a vivere gli anni del carcere – già segnati dal crescente peggioramento delle sue condizioni di salute – in una situazione drammatica e penosa di isolamento, con la sensazione sempre più forte di esser stato abbandonato dai propri stessi compagni”. (Vittoria, 2006, p. 27, tradução nossa).

conceitos (sociedade civil, Estado, hegemonia, fascismo, intelectuais, vontade política, dentre outros), tarefa sobre a qual se concentrou durante os anos de 1929 a 1935.

Em uma carta a Tatiana Schucht (irmã de sua esposa), com quem mantinha contato, datada de 19 de março de 1927, Gramsci afirma que estava “atormentado” da ideia de que necessitaria fazer alguma coisa “*für ewig*”⁶. Assim, elabora um esboço dos cadernos subdividindo em quatro pontos: 1) reflexões sobre a função dos intelectuais italianos no desenvolvimento da questão meridional; 2) um projeto de estudos sobre a linguística comparada; 3) um estudo sobre o teatro de Pirandello e 4) um estudo sobre folhetins/romances e o gosto popular na literatura.⁷ Esses após a sua morte foram confiadas a sua cunhada. Em 1947 a Editora Einaudi os publica pela primeira vez com o título “Cadernos do Cárcere”.

Vale também ressaltar o episódio histórico em outubro de 1926, no qual, antes mesmo de ser preso, o intelectual sardo escreve uma carta ao *Comintern*, “manifestando sua preocupação para com os efeitos que os conflitos, no país onde o socialismo estava se realizando, poderia haver a nível internacional e sobre os demais partidos comunistas” (VITTORIA, 2006, p. 23, tradução nossa).

Nas palavras de Gramsci:

Hoje vós estais destruindo a sua obra, vós degradais e correis o risco de anular a função dirigente que o PC da URSS tinha conquistado por meio do impulso de Lenin. (...) A unidade do nosso Partido irmão da Rússia é necessária para o desenvolvimento e o triunfo das forças revolucionárias mundiais e para tal necessidade cada comunista e internacionalista deve ser disposto a fazer os maiores sacrifícios. (GRAMSCI apud VITTORIA, 2003, p.23)⁸

O intelectual se referia assim as manobras de perseguição e eliminação, tanto aos opositores de direita quanto de esquerda, que Stalin estava tomando para possuir o controle

⁶Do alemão: “para sempre”, “para a eternidade”.

⁷Além um importante personagem político, vale destacar que Gramsci possuía também experiência acadêmica e profissional como crítico teatral e linguista.

⁸“Voi oggi state distruggendo l'opera vostra, voi degradate e correte il rischio di annullare la funzione dirigente che il PC dell'URSS aveva conquistato per l'impulso di Lenin. (...) L'unità del nostro Partito fratello di Russia é necessaria per lo sviluppo e il triunfo delle forze rivoluzionarie mondiale e a questa necessità ogni comunista e internazionalista deve essere disposto a fare i maggiori sacrifici” (Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca. Il carteggio del 1926, 1999, pp. 404, apud Vittoria, 2006, p. 23 – tradução nossa)

completo do Partido Bolchevique. Contudo, sob receio de perder à aliança do Partido Comunista Russo, Togliatti, que estava em Moscou representando o PCI, opta por não entregá-la. Esta foi divulgada após a morte de Gramsci.

Posteriormente com o fortalecimento da política stalinista, outras lideranças do PCI começam a lhe fazer sérias críticas, como por exemplo Angelo Tasca, então membro da secretaria política do partido em 1928 e representante italiano junto a Internacional Comunista.

De acordo com Vittoria em janeiro de 1929, durante uma visita em Moscou, Tasca enviou uma carta criticando Stalin, afirmando que na luta interna do Partido Russo não eram os princípios a serem considerados, mas o “monopólio ao poder”. Após tal crítica, Tasca de afasta do PCI.

Foi assim um momento de grandes divergências e crises para a esquerda de uma forma geral, em um contexto de primeira “experiência” do “socialismo real”, e por outro lado, de guerras, totalitarismo e avançar do capitalismo.

Em geral, podemos afirmar que o estudo das obras de Gramsci nos leva ao estudo da história, tanto italiana como da experiência do “socialismo real”; da filosofia, da política e da sociologia. Como afirma Liguori:

A causa da sua peculiaridade, pelo fato que Gramsci foi não somente um intelectual ou um filósofo ou um político, mas todas essas coisas juntas, a história do debate sobre Gramsci não é somente a história da sua recepção, mas é também a história da cultura italiana e em particular da cultura da esquerda italiana, de suas diversas fases, da sua evolução, dos seus intelectuais (LIGUORI, 2012, p. 16)9.

O “maior italiano do século XX”, demonstra com sua atuação político-partidária e produção teórica, a necessidade de compreendermos a própria realidade e a partir desta reconstruir novas alternativas revolucionárias.

9(...) per la sua particolarità, per il fatto che Gramsci è stato non solo un intellettuale o un filosofo o un politico, ma tutte queste cose insieme, la storia del dibattito su Gramsci non è solo la storia della sua ricezione, ma è anche la storia della cultura italiana e in particolare della cultura della sinistra italiana, delle sue diverse fasi, della sua evoluzione, dei suoi intellettuali. (LIGUORI, 2012, p. 16, tradução nossa).

Como declara Togliatti, Gramsci nos apresenta em seu método uma via para evitar os erros realizados pelos partidos comunistas ao chegar ao poder; ou seja, “(...) análise da realidade, aderência as tendências reais que nessa se manifestam, o espírito antidogmático”¹⁰ (LIGUORI, 2012, p. 135, tradução nossa).

Desse modo, é essencial pensarmos o papel, tanto do sujeito como intelectual capaz de intervir, quanto do partido revolucionário, como importante direção na conquista da hegemonia estrutural e cultural.

Aproximações ao conceito de classes subalternas em Gramsci

Antes mesmo de apresentar alguns elementos centrais do pensamento de Gramsci sobre as classes subalternas, gostaríamos de ressaltar que para o autor, o termo subalternidade, mais do que ter um significado fixo e isolado, reflete na realidade uma “relação”, ou seja, se existe a subalternidade, existe pois a dominação de um grupo/classe sobre o outro. Classes ou grupos subalternos, como afirma Gramsci, o são em relação a outras classes dominantes.

Tal dominação se apresenta não somente pela posse de bens e instituições, como o Estado e os meios de produção, mas se constrói na busca de uma hegemonia política e cultural.

Para Gramsci o termo hegemonia política não se contrapõe àquele de hegemonia cultural. Segundo o autor:

O critério histórico-político sobre o qual si precisam fundar as próprias pesquisas é: que uma classe é dominante em dois modos, isto é “dirigente” e “dominante”. É dirigente das classes aliadas, é dominante das classes adversárias. Por isso uma classe antes mesmo de chegar ao poder pode ser “dirigente” (e o deve ser): quando é al poder se transforma dominante mais contínua a ser também “dirigente” (GRAMSCI, 1977a, p. 41, tradução nossa)¹¹

Em outras palavras podemos dizer que a hegemonia de uma classe se dá pela dominação e direção que esta exerce sobre a outra classe. Daí se fala de “classe dominante” e

¹⁰“(…) analisi della realtà, aderenza alle tendenze reali che in essa si manifestano, spirito antidogmatico. (LIGUORI, 2012, p. 135, tradução nossa).

¹¹“Il criterio storico-politico su cui bisogna fondare le proprie ricerche è questo: che una classe è dominante in due modi, è cioè ‘dirigente’ e ‘dominante’. È dirigente delle classi alleate, è dominante delle classi avversarie. Perciò una classe già prima di andare al potere può essere ‘dirigente (e deve esserlo): quando è al potere diventa dominante ma continua ad essere anche ‘dirigente’ (Gramsci, 1977a, p. 41, tradução nossa).

“classes subalternas”. Resumidamente temos que a subalternidade se apresenta como consequência da construção da hegemonia de uma classe sobre outra.

No tocante a categoria “classes subalternas” para Gramsci, como afirma Joseph A. Buttigieg no *Dicionário Gramsciano*, é inútil tentar formular uma definição precisa de “subalterno” o de “grupo subalterno-classe social subalterna”, pois segundo o autor, tal termo não constitui uma homogeneidade. Logo, “a categoria de ‘grupos subalternos-classes sociais subalternas’ compreendem muitos outros componentes da sociedade, além da ‘classe operária’ ou do ‘proletariado’” (LIGUORI, VOZA, 2009, p.827, tradução nossa). 12

A maior referência dos estudos de Gramsci no âmbito das classes subalternas é, sem dúvida, o Caderno 25 – Às margens da história (A história dos grupos sociais subalternos), cujo o autor apresenta algumas características e elementos históricos de tais grupos. Todavia, por ser um conceito complexo e se reportar a uma relação dialética, vemos também referências a tal categoria nos textos pré-carcerários e nos *Cadernos*.

Dentre os elementos mais marcantes sinalizados no pensamento gramsciano sobre as classes subalternas, podemos destacar a fragmentação, “desagregação” e falta de uma coesão. Os indivíduos pertencentes aos grupos subalternos possuem diferentes etnias, culturas e religião. São grupos que historicamente não apresentam uma homogeneidade no âmbito político-institucional, o que os torna susceptíveis de sofrerem influências das classes dominantes, como por exemplo, cita o autor, no ocorrido durante a Revolução Francesa.

Diferentemente das classes dirigentes que possuem uma unidade histórica por conta da instituição Estado, “resultado das relações orgânicas entre Estado ou sociedade política e ‘sociedade civil’” (GRAMSCI, 1997b, p. 2288, tradução nossa)¹³ as classes subalternas, que tem sua história ligada àquela da sociedade civil e “não são unificadas e não podem unificasse até que se transformem em ‘Estado’” (GRAMSCI, 1997b, p. 2288, tradução nossa). 14

12“La categoria di gruppi subalterni-classi sociali subalterne comprende molte altre componenti della società, oltre ‘classe operaia’ o al ‘proletariato’.” (LIGUORI, VOZA, 2009, p. 827, tradução nossa).

13“ (...) risultato dei rapporti organici tra Stato o società politica e ‘società civile’.” Gramsci, 1977b, p. 2288, tradução nossa.

14“ (...) non sono unificate e non possono unificarsi finché non possono diventare ‘Stato’”. *Ibidem*.

Vale ressaltar que a categoria Estado para o referido autor se coloca como sendo uma das mais estudadas. Gramsci entende o Estado não somente como instituição governativa e estatal. A sociedade é assim formada da relação entre:

(...) dois grandes ‘planos’ superestruturais, aquele que pode ser chamado de ‘sociedade civil’, isto é de conjunto de organismos vulgarmente ditos ‘privados’, e aquele da ‘sociedade política ou Estado’ e que correspondem à função de ‘hegemonia que o grupo dominante exercita em toda a sociedade (GRAMSCI, 1977c, p.2288, tradução nossa). 15

Da união e relação dialética entre esses dois planos, ou seja, uma relação de “unidade e distinção”, nasce o conceito de “Estado Integral”. Para Gramsci a “distinção entre sociedade política e sociedade civil (...) é puramente metódica, não orgânica e na concreta vida histórica sociedade política e sociedade civil são uma mesma coisa.” (GRAMSCI, 1977d, p.460, tradução nossa). 16

Nesse sentido, para o marxista italiano, o Estado exerce um papel de grande relevância na (re) produção de relações de subalternidades. Ao falar em “Estado ético ou de cultura”, Gramsci destaca que cada Estado é ético quando uma das suas funções mais importantes é aquela de elevar a grande massa da população a um determinado nível cultural e moral, nível esse que corresponde as necessidades de desenvolvimento das forças produtivas e, assim, aos interesses das classes dominantes.

A partir da atuação de diversas instituições privadas e estatais, com destaque para o papel da Igreja, das escolas (e sua função “educativa positiva”) e do sistema legislativo (e sua função “educativa repressiva e negativa”) é possível para as classes dominantes a manutenção de uma hegemonia política e cultural.

Por não possuírem ainda uma unidade político-cultural, as classes subalternas, em geral, manifestam seus descontentamentos por meio de rebeliões espontâneas. Todavia, além de ser tendencialmente ineficaz, tal “espontaneísmo” pode se tornar também

15“ (...)due grandi ‘piani’ superstrutturali, quello che si può chiamare della ‘società civile’, cioè dell’insieme di organismi volgamenti detti ‘privati’ e quello della ‘società politica o Stato’ e che corrispondono alla funzione di ‘egemonia’ che il grupo domimante exercita in tutta la società” (Gramsci, 1977c, p. 1518, tradução nossa)

16“(..) distizione tra società politica e società civile (...) è puramente metódica, non orgânica e nella concreta vita storica società politica e società civile sono una stessa cosa”. (Gramsci, 1977d, p. 460. tradução nossa).

“contraproducente”, no sentido de se transformarem em movimentos reacionários, sendo pois capturados por grupos de direita ou mesmo extrema direita. Desse modo, o autor afirma:

Acontece quase sempre que a um movimento “espontâneo” das classes subalternas se acompanha um movimento reacionário de direita da classe dominante, por motivos concomitantes: uma crise econômica, por exemplo, determina descontentamento nas classes subalternas e movimentos espontâneos de massa de uma parte, e de outra determina o complôs dos grupos reacionários que se aproveitam do enfraquecimento objetivo do governo por tentarem golpes de Estado (GRAMSCI, 1977e, p. 331)¹⁷

Tal afirmação não significa que os sentimentos espontâneos dessas classes subalternas devam ser ignorados. Gramsci defende assim que a espontaneidade deve ser ligada e integrada a uma direção consciente, aqui se destaca a relevância do partido político revolucionário e seus intelectuais na luta pela construção de uma hegemonia a favor dos “subalternos”.

É necessário assim uma unidade entre “espontaneidade e direção consciente”, ou seja, de uma disciplina política (representada por partidos, sindicatos) aliada a vontade coletiva das classes/grupos subalternos.

Uma questão central para o marxista sardo, afirma Buttigieg (Apud LIGUORI, VOZA, 2009), é sobre o fim da subalternidade. Isto é: como acabar/eliminar a subordinação de uma minoria sobre uma maioria?

Observarmos que grande parte dos estudos e das obras do marxista italiano, foi no sentido de, a partir da compreensão dos elementos históricos, políticos e culturais da então classe dominante, apresentar elementos que contribuam na luta da classe trabalhadora e classes subalternas pelo fim da dominação capitalista.

Um elemento essencial apresentado pelo autor é a conquista da autonomia, o que pode acontecer somente através de um longo e complexo processo de luta. Eis porque Gramsci

17“Avviene quasi sempre che a un movimento “spontaneo” delle classi subalterne si accompagna un movimento reazionario della destra della classe dominante, per motivi concomitanti: una crisi economica, per esempio, determina malcontento nelle classi subalterne e movimenti spontanei di massa da una parte, e dall’altra determina complotti dei gruppi reazionari che approfittano dell’indebolimento obbiettivo del governo per tentare dei colpi di Stato.” (Gramsci, 1977e, p. 331, tradução nossa).

afirma que “Cada traço de iniciativa autônoma da parte dos grupos subalternos deve ser valor inestimável para o histórico integral” (GRAMSCI, 1977b, p. 2284, tradução nossa)¹⁸

Até que uma luta contra a estrutura do poder existente tenha êxito positivo é necessário em primeiro lugar compreender o que a torna flexível e duradoura. As classes dominantes nos Estados modernos não possuem unicamente o poder, (...) porque controlam os aparatos coercivos do governo. (...) O Estado moderno é mantido (...) pela sociedade civil. O que a classe dirigente (...) possui é um formidável aparato composto de dispositivos institucionais e culturais que a permite de difundir diretamente e indiretamente a sua concepção de mundo, de inculcar os seus valores e de formar opinião pública. (LIGUORI, VOZA, 2009, p.828) ¹⁹

Logo, para ser eficaz, a luta contra as relações de poder que reforçam a subalternidade deve ter também um caráter ideológico-cultural. A estratégia mais adequada sugerida por Gramsci não é o ataque frontal a sede do poder, mas sim uma “guerra de posição” no terreno da sociedade civil.

Segundo o pensamento gramsciano, cultura e política se relacionam. Se para manter o poder/controlar as classes dominantes, por meio dos aparatos privados e estatais, elaboram uma ideologia e cultura que reproduz tal relação de subordinação, é necessário, então à transformação social, ou seja, que as classes subalternas construam instrumentos políticos de contra-hegemonia, seja por meio dos partidos, dos sindicatos ou através dos movimentos sociais.

Conclusão

Em contexto de crise estrutural do capitalismo torna-se imprescindível uma alternativa socialista. O “retorno” à Gramsci, a partir da sua compreensão como sujeito político, histórico, intelectual e partidário, se apresenta como um pressuposto primário.

¹⁸“Ogni traccia di iniziativa autonoma da parte dei gruppi subalterni dovrebbe perciò essere di valore inestimabile per lo storico integrale.” (Gramsci, 1977b, p 2284, tradução nossa)

¹⁹“Affinché una lotta contro la struttura del potere esistente abbia esito positivo è necessario in primo luogo comprendere ciò che la rende flessibile e duratura. Le classi dominante negli Stati moderni non hanno il potere unicamente, (...), perché controllano gli apparati coercitivi del governo. (...). Lo Stato moderno è sostenuto (...) dalla Società Civile. La classe dirigente (...) possiede è un formidabile aparato composto da dispositivi istituzionali e culturali che le permettono di diffondere direttamente e indirettamente la sua concezione del mondo, di inculcare i suoi valori e di plasmare l’opinione pubblica. (Liguori, Voza (a cura di), 2009, p.828, tradução nossa)

A leitura do marxista sardo nos transporta primeiramente a sua história, seus questionamentos e reflexões, assim como nos leva a reflexão sobre qual seria nossa “via alternativa ao socialismo”.

Em um país rico e desigual, de formação política e cultural de preceitos patriarcais, conservadores e patrimoniais burgueses e sob forte influência seja dos Estados Unidos seja da Europa, a experiência de partido de massa de “esquerda” que tivemos, se apresentou historicamente como social democrata.

Enquanto intelectuais, devemos nos empenhar no estudo e contato com a realidade das diferentes classes subalternas, no sentido de reconstruir com o processo de catarse e auto-organização.

Referências bibliográficas

- GRAMSCI, Antonio, Quaderno 3 (XX) 1930 – Miscellanea, 48, p. 331. In: Quaderni del Carcere. Volume primo, Quaderni 1-5. Giulio Einaudi editore, Torino. 1977e.
- _____. Quaderno 1 (XVI), 1929-1930 – Primo quaderno, 44. In: Quaderni del Carcere. Volume primo, Quaderni 1-5. Giulio Einaudi editore, Torino. 1977a.
- _____. Quaderno 12 (XXIX) 1932. Appunti e note sparse per un grupo di saggi sulla storia degli intellettuali. 1. In: Quaderni del Carcere. Volume primo, Quaderni 1-5. Giulio Einaudi editore, Torino. 1977c.
- _____. Quaderno 25 (XXIII) 1934 – Ai margini della storia (Storia dei gruppi sociali subalterni), 5. In: Quaderni del Carcere. Volume primo, Quaderni 1-5. Giulio Einaudi editore, Torino. 1977b.
- _____. Quaderno 4 (XIII) 1930-1932. Appunti di filosofia I – Miscellanea – Il canto decimo dell’Inferno. 38. In: Quaderni del Carcere. Volume primo, Quaderni 1-5. Giulio Einaudi editore, Torino, 1977d, tradução nossa.
- LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (a cura di). Dizionario Gramsciano 1926-1937. Ed. Carocci, Roma. 2009.
- LIGUORI, Guido. Gramsci Conteso: Interpretazioni, dibattiti e polemiche – 1922-2012. Editori Riuniti University press, Roma. 2012.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia Alemã. Editora Martins Fontes. São Paulo. 1998.
- VITTORIA, Albertina. Storia del PCI. 1921-1991. Carocci editore. Roma, 2006.

I JOINGG – JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ANTONIO GRAMSCI
VII JOREGG – JORNADA REGIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ANTONIO GRAMSCI

Práxis, Formação Humana e a Luta por uma Nova Hegemonia

Universidade Federal do Ceará – Faculdade de Educação

23 a 25 de novembro de 2016 – Fortaleza/CE

Anais da Jornada: ISSN 2526-6950